

O interpretante imediato é a primeiridade, uma possibilidade de significação inscrita no signo, o interpretante dinâmico (produzido) é a secundidade, o fato empírico da interpretação ou os resultados factuais do entendimento do signo, e o final é a terceiridade, uma regra ou padrão para o entendimento do signo (Santaella, 2002:167).

Resumindo: o interpretante imediato corresponde ao sentido, o interpretante dinâmico equivale ao significado e o interpretante final, à significação. O sentido é o efeito total que o signo foi calculado para produzir e que ele produz imediatamente na mente, sem qualquer reflexão prévia, é a interpretabilidade peculiar ao signo, antes de qualquer intérprete. O significado é o efeito direto realmente produzido no intérprete pelo signo, é aquilo que é concretamente experimentado em cada ato de interpretação, dependendo, portanto, do intérprete e da condição do ato e sendo diferente de outra interpretação. Significação é o efeito produzido pelo signo sobre o intérprete em condições que permitissem ao signo exercer seu efeito total, é o resultado interpretativo a que todo e qualquer intérprete está destinado a chegar, se o signo receber a suficiente consideração (Teixeira Coelho, 1990:71-72).

O Processo de Semiose

O signo tem a sua existência na mente do receptor e não no mundo exterior. "Nada é signo se não é interpretado como signo", diz Peirce (CP 2.308). A interpretação de um signo é, assim, um processo dinâmico na mente do receptor. Para caracterizar esse processo, Peirce introduziu na sua argumentação o termo semiose, que significa exatamente "a ação do signo" (CP 5.472).

O signo é uma coisa que representa outra coisa: o seu

Semiose:

É um processo de crescimento e de desenvolvimento de idéias. Descreve um processo lógico: o processo de ação de um signo de gerar e de se desenvolver num outro signo.

objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. O signo representa o seu objeto, mas signo algum, por si mesmo, é capaz de representar seu objeto por inteiro. Ele só o representa numa certa medida e dentro de uma certa capacidade. Por isso, ele é sempre parcial e, por natureza, incompleto. Sua tendência será a de sempre crescer.

É a essa tendência de crescimento do signo que Peirce deu o nome de semiose. A semiose é um processo de geração infinita de significações, razão pela qual aquilo que era um terceiro numa dada relação triádica passa a ser um primeiro numa outra relação triádica (Teixeira Coelho, 1990:66).

A semiose resulta numa "série de interpretações sucessivas", *ad infinitum* (CP 2.303, 2.92). Não há nenhum "primeiro" nem um "último" signo nesse processo de semiose ilimitado. Nem por isso, entretanto, a idéia de semiose infinita implica um círculo vicioso. Ao contrário, refere-se à idéia muito moderna de que "pensar sempre procede na forma de um diálogo (...) de maneira que, sendo dialógico, se compõe essencialmente de signos" (CP 4.6). Como "cada pensamento tem de dirigir-se a um outro" (CP 5.253), o processo contínuo de semiose (ou pensamento) só pode ser "interrompido, mas nunca realmente finalizado" (CP 5.284). A idéia da semiose ilimitada ocorre na forma de um diálogo permanente.

Não é sem razão que Nöth (1995:68) afirma que "*não é bem o signo mas a semiose é que é o objeto de estudo da semiótica*".

Classificação dos Signos

Pelo que podemos perceber, o conceito de signo refere-se mais a uma função do que a uma coisa determinada. Consi-

derando as possibilidades de combinar primeiridade, secundidade e terceiridade, Peirce chegou a propor a existência de dez tricotomias, isto é, 10 divisões triádicas (três a três), que, combinadas, resultam 66 classes de signos e a possibilidade lógica de 59049 tipos de signos. No entanto, apenas três tricotomias e dez classes principais de signos foram mais exploradas e, por isso mesmo, são as mais conhecidas. Elas são inicialmente consideradas suficientes para nos habilitar para a leitura de todo e qualquer processo signico.

Fazendo uma correlação entre as categorias peirceanas e a divisão de signos proposta por Peirce, vamos verificar que a primeiridade, que recobre o nível do sensível e do qualitativo, abrange três tipos de signos: o quali-signo, o ícone e o rema. A secundidade, que diz respeito ao nível da experiência, da coisa ou do evento, abrange o sin-signo, o índice e o dicente. E a terceiridade, que se refere à mente, ao pensamento, à razão, abrange o legi-signo, o símbolo e o argumento. É bom destacar que um mesmo signo pode, simultaneamente, participar de mais de uma tricotomia.

Esquemáticamente, a divisão dos signos pode ser vista assim:

	Signo em si mesmo 1º	Signo com seu objeto 2º	Signo com seu interpretante 3º
Categorias	Primeiridade	Secundidade	Terceiridade
1º	Quali-signo	Ícone	Rema
2º	Sin-signo	Índice	Dicente
3º	Legi-signo	Símbolo	Argumento

Natureza Triádica do Signo:

O signo tem uma natureza triádica, quer dizer, ele pode ser analisado:

- em si mesmo, nas suas propriedades internas, no seu poder para significar, ou seja, numa relação com o próprio signo;
- na sua referência àquilo que ele indica, refere-se ou representa, ou seja, numa relação com seu objeto;
- e nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores, isto é, nos tipos de interpretação que ele tem o potencial de despertar nos seus usuários, ou seja, numa relação com seu interpretante.

Primeira Tricotomia – Diz respeito ao signo considerado em relação a si próprio. Esta recobre três espécies de signos: Quali-signo, Sin-signo, Legi-signo.

Quali-Signo – Entende-se por quali-signo uma qualidade que é um signo, ou seja, “o signo em si mesmo será uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral”(CP 2.243). O quali-signo não pode, na verdade, atuar como signo, enquanto não se corporificar (CP 2.244). Como exemplo podemos tomar uma cor qualquer, como a cor azul, somente a cor sem estar incorporada em nenhum objeto.

Sin-signo - Tão logo um signo se corporifica, ele passa a pertencer à classe da secundidade, do “existente concreto”. Os signos dessa classe são denominados sin-signos. O sin inicial de sin-signo revela que se trata de uma coisa ou evento singular, no sentido de “uma única vez”. Um sin-signo só pode existir por meio da qualidade, razão pela qual ele envolve um ou vários quali-signos.

Legi-signo - Na terceira classe dos signos, temos os legi-signos. Um legi-signo é uma lei que é um signo (...). Todo signo convencional é um legi-signo. Não é um objeto singular, mas um tipo geral sobre o qual há uma concordância de que seja significante (CP 2.246). Assim, cada palavra de uma língua é um legi-signo, mas, quando articulada numa frase particular, pode também aparecer como sin-signo. Peirce entende tais sin-signos, que são ocorrências de legi-signos, como “réplicas”.

Segunda Tricotomia - Descreve os signos sob o ponto de vista das relações entre o signo e o objeto. Os signos relacionam-se com seus objetos de três maneiras (física, por semelhança ou por convenção), que definem três tipos de signos,

segundo a classificação de Peirce: ícone, quando a relação do signo com o objeto é de semelhança; índice, quando a relação do signo com o objeto é direta, e símbolo, quando a relação do signo com o objeto é convencional.

Ícone - É o signo que apresenta uma relação de semelhança ou analogia com o objeto representado. Neste caso, o signo e o objeto podem estar até muito afastados um do outro. O signo no Brasil (a foto de um amigo turista) e o objeto/referente no Japão (o próprio turista passeando), mas reconhece-se imediatamente o objeto/referente pela semelhança que o signo tem com ele. Ícones são, então, em primeiro lugar, as imagens de uma maneira geral, tudo o que é figurativo. O ícone participa da primeiridade por ser "um signo cuja qualidade significante provém de sua qualidade" (CP 2.92). Os ícones comunicam de forma imediata, porque são imediatamente percebidos.

Índice - É o signo que representa seu objeto em virtude de uma conexão real com ele. O signo mantém uma relação direta com o seu objeto/referente, ele é diretamente afetado pelo seu objeto. Estão próximos um do outro, em relação direta, física, imediata, de maneira que o signo indica o objeto, aponta para ele. É o caso, por exemplo, da cinza no cinzeiro indicando que alguém fumou. Ou, ainda, pegadas, indício de passagem de animal ou pessoa. Ou a fumaça, signo indicial de fogo. Um campo molhado como índice de que choveu. Uma seta colocada num cruzamento como índice do caminho a seguir.

O índice participa da categoria da secundidade, porque é um signo que estabelece relações diádicas entre signo e objeto. No

Exemplos de Ícone:

Desenho, charge, caricatura, fotografia, mapa, diagrama, estátua, escultura, esquema, gráfico da inflação, miniatura etc. (Pereira, 2001:53).

Exemplos de Índice:

Cata-vento, uma fita métrica, o ato de bater na porta, um dedo indicador apontando numa direção, um grito de socorro, uma flecha, um sintoma, um ponteiro de relógio etc.

Relações Diádicas:

Relações que se estabelecem entre dois elementos.

entanto, como o signo inicial tem alguma qualidade em comum com o objeto, ele não deixa, assim, de ser um certo tipo de ícone.

Os “índices também existem na linguagem. Nomes próprios e pronomes pessoais são índices porque se referem a indivíduos particulares. Outros pronomes, artigos e preposições são índices verbais porque estabelecem relações entre palavras dentro de um texto” (Nöth, 1995:85).

Exemplos de Símbolos:

Todas as palavras (faladas ou escritas) de uma língua, os números, os símbolos matemáticos, os símbolos químicos, os gestos convencionais, as bandeiras (do país, estado, cidade), as marcas das empresas e dos produtos, os caracteres do teclado do computador, a cor verde como símbolo de esperança, a cor preta como símbolo de luto, a cor branca ou a pomba como símbolo de paz.

Símbolo - É o signo participante da categoria da terceiridade que se refere a seu objeto por força de uma lei ou convenção. No caso dos símbolos, a relação entre o signo e o objeto é meramente convencional, às vezes, arbitrária, imposta pela sociedade. Convencionou-se que tal signo representa tal objeto, sem lógica ou explicação aparente, e as pessoas simplesmente aceitam e aprendem, como o signo verbal mesa, o sinal de + ou a fórmula H₂O (Pereira, 2001:55).

Na definição de Peirce, “um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota, em virtude de uma lei, normalmente uma associação de idéias gerais”(CP 2.449). Cada símbolo é, portanto e ao mesmo tempo, um legi-signo: “Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são símbolos” (CP 2.292).

Um mesmo signo pode ser considerado sob vários aspectos e submetido a diversas classificações. Cada palavra é, em primeiro lugar, símbolo, pelos aspectos da arbitrariedade e do convencionalismo. Entretanto, algumas palavras são, ao mesmo tempo, índices, uma vez que estabelecem relações diádicas, como é o caso dos pronomes. Outras palavras, como é o caso das onomatopéias, são símbolos e ícones ao mesmo tempo, por representarem, na pronúncia, o som natural das coisas, como por exemplo: murmúrio, ping-

pong (Nöth, 1995:86).

Terceira Tricotomia - Considera o signo do ponto de vista da relação entre signo e interpretante. Nesse caso, o signo pode ser um rema, um dicente ou um argumento.

Rema - Rema vem do grego *rhéma*, que significa simplesmente "palavra". As palavras enunciadas isoladamente são incapazes de serem certificadas. Como ainda não participa de afirmações, o rema é "um signo de possibilidade qualitativa, ou seja, é entendido como representando esta e aquela espécie de objeto possível"(CP 2.250). Ou, ainda, continuando com Peirce: "Qualquer signo que não é verdadeiro nem falso, como quase cada palavra por si, exceto sim e não"(CP 8.337).

Sintetizando: um rema é um signo que, para seu interpretante, funciona como signo de uma mera possibilidade que pode ou não se verificar. Uma palavra isolada, como vermelho pode funcionar como rema.

Dicente - É um signo de fato. "Um signo de existência real"(CP 2.251) ou um "signo que veicula informação"(CP 2.309). Corresponde a um enunciado e envolve remas na descrição do fato. Um sintagma como "este vermelho está manchado" pode funcionar como um signo dicente.

Argumento - é "o signo de uma lei", signo de razão, corresponde a um juízo. Um silogismo do tipo "A é B, B é C, portanto, A é C" é um exemplo de argumento.

Enquanto, por um lado, o rema representa seu objeto simplesmente em seus caracteres e o dicente representa seu objeto em referência à existência concreta, o argumento, por outro

lado, representa o seu objeto em caráter de signo.

Quando combinadas, as três tricotomias, que acabamos de ver, vão produzir uma segunda divisão dos signos que comporta dez classes distintas de signos, assim explicitadas por Teixeira Coelho (1990:63):

1. Quali-signo icônico remático – o quali-signo é uma qualidade que é um signo, tal como a sensação de “vermelho”. Sendo uma qualidade, só pode significar um objeto tendo com este alguma semelhança, portanto, é um ícone. Considerando que uma qualidade é uma mera possibilidade lógica, só pode ser interpretada como rema. Daí a classe do quali-signo icônico remático.
2. Sin-signo icônico remático – é um objeto real e particular, que, pelas suas próprias qualidades, evoca a idéia de um outro objeto. Ex: diagrama dos circuitos eletrônicos numa máquina particular. Tendo semelhança com o objeto, é um ícone e é interpretado por meio de um rema.
3. Sin-signo indicial remático – dirige a atenção a um objeto determinado pela sua própria presença. Ex: grito espontâneo como signo de dor.
4. Sin-signo indicial dicente – é também um signo afetado diretamente pelo seu objeto – o que faz com que ele seja um índice –, mas, além disso, é capaz de dar informações sobre esse objeto. Só dá informações sobre fatos concretos e reais. É uma classe em que se combinam dois tipos de signos: um signo icônico, para materializar a informação, e um sin-signo indicial remático, para indicar o objeto. Ex: um cata-vento, uma